



Arte contemporânea, corpo e cidade: existências entretecidas*

Danielle Milioli e
Emyle Pompeu de Barros Daltro

Este artigo propõe uma reflexão sobre a reinvenção das relações corpo/cidade por meio da arte contemporânea, elegendo duas instalações coreográficas como exemplos que evidenciam tais propostas.

Articulando conceitos como os de lugar, não lugar, ressingularização, desterritorialização, desconstrução com as obras *Pequenos fragmentos de mortes invisíveis* e *Impermanências*, da artista Vera Sala, as autoras se instalam sobre as linhas da sensibilidade dessa intérprete criadora, percorrendo os mapas que lhe são sugeridos pelos trabalhos em questão.

Corpo, cidade, arte contemporânea.

* Artigo recebido e aceito para publicação em março de 2010.

As velozes e silenciosas transformações da sociedade contemporânea, que atravessam as diversas possibilidades de existências, acabam por produzir modificações inusitadas no cenário urbano, nos corpos habitantes que compõem a cidade e constituem seus espaços. Essas modificações desencadeiam novos plurais conhecimentos expressos cotidianamente pela mídia, pelas artes, pelas práticas culturais.

É o conhecimento construído e expresso no cenário artístico contemporâneo que efetivamente assume o corpo para pensar a tessitura da cidade que apresentamos como provocador da formulação de duas transversas questões: que relações, conexões, agenciamentos constituem entre si arte, corpo e cidade? Como a arte recria essas relações, conexões e agenciamentos?

Alguns aspectos dessas questões tornam-se objeto deste texto que, misturando imagens e palavras, pretende contribuir com o delineamento de algumas respostas e com a dialogia entre arte contemporânea, corpo e cidade.

Labirinto ou (in)fluxos que tecem novos mapeamentos do corpo

Um labirinto polissêmico de estreitas passagens, feito de metal e vidro, e atravessado por corpos. O transeunte/visitante, cauteloso, entra nesse labirinto em que ora aprecia sua própria imagem refletida na película aplicada sobre o vidro, ora se movimenta quando, através dos vidros agora transparentes, enxerga um possível trajeto iluminado irregularmente pelas luzes que constantemente se movem. No (im)possível trajeto, quatro corpos. Tremores, desequilíbrios, quedas, oscilações.

Pequenos fragmentos de mortes invisíveis / Vera Sala. Foto: Rogério Ortiz.

A instalação coreográfica *Pequenos fragmentos de mortes invisíveis* (PFMI), da artista Vera Sala, nos insere em pequenas trajetórias internas de corpos devires “que nos arrancam do conforto em relação a nossa carne”.¹ Corpo estrangeiro, polifônico, singular, corpo labirinto a instituir corpos daqueles que transitam no labirinto.

1 Sander, 2009, p. 395.

E, à medida que os corpos dos artistas e do público se atualizam nos espaços tempos construídos na instalação coreográfica, produzem acontecimentos, provocam a descoberta de “novos possíveis, ou ainda limiares”,² fazendo com que esses corpos se desprendam de suas continuidades.³

2 Idem, ibidem, p. 390.

3 Deleuze, 1990.

A tessitura complexa de *Pequenos fragmentos de mortes invisíveis* reinventa as grandes cidades... Agitação febril, ritmos metropolitanos vertiginosos e frenéticos, mistura de estilos, demolições constantes, imbricado de signos, congestionamento de tráfegos, autoconstruções marginais.⁴ Cidades dissolvidas em contínuo processo de construção e desconstrução. Corpos que seguem os (in)fluxos do cotidiano, complacentes, oscilantes “como as linhas do transporte metropolitano de grandes metrópoles, a compor infinitas vias e possibilidades de trânsito para direções continuamente reinventadas”.⁵ Sinuosidade a tecer novos lugares de encontro, ainda que encontros de passagens, a sugerir os complexos e imprevisíveis contornos dos trajetos urbanos que desencadeiam esbarros, tropeços e desvios, e instauram a concreta presença do outro. Metáfora a denunciar a (in)constante (im)permanência humana.

4 Canevacci, 2004.

5 Zanella, 2009, p. 98.

Segundo a crítica de dança Helena Katz, Vera Sala está buscando desarticular o corpo que dança, desautomatizá-lo, desligar suas ligações habituais, buscando uma desconstrução do corpo técnico da dança para impingir-lhe outra técnica, outro padrão de movimento.⁶

6 Entrevista com Helena Katz, concedida a Emyle Pompeu de Barros Daltro, no mês de junho de 2009, por ocasião da apresentação de *Pequenos fragmentos de mortes invisíveis* na Galeria Olido, São Paulo, SP.

Os corpos em PFMI, aparentemente permanentes, movimentam-se por trajetórias mínimas que provocam tremores nesses corpos. As alterações ocorrem sem que se perceba muito bem como; são movimentos que parecem desorientados, que exploram a lentidão e a imprecisão. Desse modo, esses corpos contrapõem-se ao ritmo vertiginosamente acelerado dos grandes centros urbanos que promovem deslocamentos além de rápidos, precisos e orientados.

Paradoxalmente, a construção de grandes avenidas que conectam e aproximam os mais variados pontos das cidades, acaba por proporcionar outros distanciamentos. Distanciamento entre as pessoas e seu entorno a passar ligeiro pelas janelas dos transportes urbanos e a refratar múltiplas e indefinidas imagens que se misturam ao imaginário humano como manifestação de tempos apressados e rotinas dilacerantes. Distanciamento de um tempo no qual os espaços públicos abrigavam encontros furtivos desencadeados pela estreiteza das relações.



Pessoas em um ônibus (Fim de uma jornada de Trabalho). Foto: Emyle Pompeu de Barros Daltro.

7 Guattari, 1992, p.170.

Félix Guattari registrou que “(...) o porvir da humanidade parece inseparável do devir urbano”;⁷ dessa forma, podemos perceber que os corpos dispositivos que compõem a referida instalação coreográfica anunciam possibilidades de reinvenção da cidade e de um corpo que, transcendendo cristalizações, torna-se ele mesmo a cidade, a redimensionar e reorganizar as possibilidades corporais.

Pertencemos a certos dispositivos e neles agimos. A novidade de um dispositivo em relação aos anteriores é o que chamamos sua atualidade, nossa atualidade. O novo é o atual. O atual não é o que somos, mas aquilo em que vamos nos tornando, o que chegamos a ser, quer dizer, o outro, nossa diferente evolução. É necessário distinguir, em todo o dispositivo, o que somos (o que não seremos mais), e aquilo que somos em devir: *a parte da história e a parte do atual*. A história é o arquivo, é a configuração do que somos e deixamos de ser, enquanto o atual é o esboço daquilo em que vamos nos tornando. Sendo que a história e o arquivo são o que nos separa ainda de nós próprios, e o atual é esse outro com o qual já coincidimos.⁸

8 Deleuze, 1990.

Vera Sala instaura assim um “corpo devir” que articula “estratégias possíveis à invenção de outras corporeidades”.⁹ Esse corpo que ainda está por vir interroga-nos sobre

9 Sander, 2009, p. 390.

nossos modos de ser/estar e faz “com que o outro e o externo se manifestem com evidência”.¹⁰

10 Deleuze, 1990.

Emaranhado rumo ao não lugar

Cem quilos de arame (in)flexíveis, envolvem, aprisionam, afetam um corpo flexível buscando descobrir possibilidades de movimentações e construir percursos imprevistos.

Entre os espaços ocupados e desocupados, imagens se multiplicam sob a forma de fronteiras em que coexistem a liberdade de ocupação do espaço e sua restrição. Imagens que evidenciam ainda o deslizamento da majoritariamente urbana sociedade contemporânea que efetiva “um largo deslocamento que vai do controle repressão, próprio da sociedade disciplinar, para aquele de controle estimulação, das sociedades de controle”.¹¹

11 Piovesani, 2004, p.146.

As complexas relações que hoje prevalecem produzem rupturas, permeabilidades e elasticidades de margens e fronteiras. Impermanências que nos inserem em uma reflexão acerca de paradoxais questões sobre as práticas corporais e urbanísticas emergentes da intensificação do processo de mundialização em que vivemos. Questões como as aparentes condições de libertação do corpo, e não mais seu disciplinamento e autonomia da ocupação e do movimento no espaço e não mais sua restrição. Pseudoliberalidades a instaurar novas barreiras, invisíveis, de distinções e segregações.

O corpo de Vera Sala, agora à procura de frestas, denuncia um corpo agonizante a reivindicar novas relações com seu entorno. Um corpo a instituir um “não lugar”, a conquistar um espaço sem territorialidade fixa “onde o corpo não consegue se posicionar no papel de protagonista, de coadjuvante ou até mesmo de figurante de paisagem”.¹²

12 Takahashi, 2003, p. 150.

Vera Sala, articulando em uma perspectiva crítica e criativa arte e realidade cotidiana, promove outras possibilidades discursivas e provoca um processo de desterritorialização, à medida que propõe um corpo que adquire outros sentidos:

não é mais seguir e acuar o corpo cotidiano, mas fazê-lo passar por uma cerimônia, introduzi-lo numa gaiola de vidro ou num cristal, impor-lhe um carnaval, um disfarce que dele faça um corpo grotesco, mas também extraia dele um corpo gracioso ou glorioso, a fim de atingir, finalmente, o desaparecimento do corpo visível.¹³

13 Deleuze, 2005, p. 228.

Corpo mutável, mas inexoravelmente único, singular, a compor arranjos impregnados de acontecimentos e a instituir vivências que transformam as possibilidades ilimitadas das relações, conexões e agenciamentos que constituem a contemporaneidade. “No emaranhado disperso da vida cotidiana, afinal, procuramos o eu através do outro (...)”,¹⁴ o lugar no não lugar, um jogo que faz com que experimentemos o corpo como espaço de ressingularização constante de nós mesmos.

14 Canton, 2009, p. 35.

Impermanências não acaba, é infinito mediante as múltiplas possibilidades de movimentos, e o corpo não se constitui mais como um obstáculo ao pensamento, mas, ao contrário, o provoca a mergulhar no impensado da vida.

Incursões finais

Assumir o corpo para pensar a cidade é assumir uma cidade que não é delineada apenas pela ocupação de seu espaço geográfico e arquitetônico, mas uma cidade enquanto espaço constituído por aqueles que a habitam, uma cidade que é produzida historicamente pela significação que os sujeitos acrescentam a suas atividades cotidianas.¹⁵

15 Lefebvre et al., 1996.

Propor ao corpo a reinvenção da cidade é “abrir o corpo a conexões que supõem todo um agenciamento, circuitos, conjunções, superposições, limiares, passagens e distribuições de intensidades, territórios e desterritorializações (...)”.¹⁶ É criar uma cidade que só existe através do corpo e um corpo que pode ser simultaneamente várias cidades.

16 Deleuze, Guattari, 2008, p. 22.

Assim como o labirinto de *Pequenos fragmentos de mortes invisíveis* instaura novos devires trajetos, *Impermanências* intensifica o emaranhado rumo ao não lugar. Ambas as instalações coreográficas de Vera Sala entregam o conceito de cidade ao movimento do corpo e potencializam percepções que por si só sobrepõem corpo e cidade, dilacerando a barreira instaurada pela ideia de que corpo e cidade configuram duas arquiteturas autônomas.

As conexões entre arte contemporânea, corpo e cidade nos fazem atentar, portanto, para a reinvenção da vida. Vida tecida nos interstícios da cidade, marcada por determinado tempo e espaço e, simultaneamente, aberta a imprevisíveis agenciamentos.

Danielle Milioli (UFMT, Cuiabá, Brasil) é psicóloga graduada pela Universidade Federal de Santa Catarina UFSC (2002), especialista em Didática e Metodologia do Ensino Superior pela Universidade do Extremo Sul Catarinense Unesc (2006) e mestranda em Estudos de Cultura Contemporânea pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Atualmente é docente de Psicologia Social do Curso de Psicologia do Univag (Centro Universitário de Várzea Grande, MT) e intérprete criadora do Grupo Casa Artes do Corpo, de Cuiabá, MT. / danimilioli@hotmail.com

Emyle Pompeu de Barros Daltro (UFMT, Chapada dos Guimarães, Brasil) é graduada em Comunicação Social pela Universidade Federal de Mato Grosso (2004), especialista em Planejamento e Gestão Cultural pela Universidade de Cuiabá (2007), curso realizado em convênio com a PUC/MG, e mestranda em Estudos de Cultura Contemporânea pela Universidade Federal de Mato Grosso, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Maria Thereza Azevedo. Possui formação em dança e é intérprete criadora do Grupo Casa Artes do Corpo, de Cuiabá, MT. / emylepellegrim@gmail.com

Referências bibliográficas

- AUGÉ, Marc. *Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Tradução Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papirus, 1994.
- CANEVACCI, Massimo. *A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana*. Tradução Cecília Prada. 2a. ed. São Paulo: Studio Nobel, 2004.
- CANTON, Kátia. *Espaço e lugar*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.
- DELEUZE, Gilles. Que é um dispositivo? In *Michel Foucault, filósofo*. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. Barcelona: Gedisa, 1990, p.155-161.
- _____. *A Imagem-Tempo*. Tradução de Eloisa de Araujo Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. 28 de novembro de 1947. Como criar para si um corpo sem órgãos. In *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. Vol. 3. Trad. Aurélio Guerra Neto, Ana Lucia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. Rio de Janeiro: Editora 34, 2008.
- GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Ed. 34, 1992.
- LEFEBVRE, H., et al. *Writings on cities*. Cambridge: Blackwell, 1996.
- PIOVESANI, Carlos. Entre vozes, carnes e pedras: a língua, o corpo e a cidade na construção da subjetividade contemporânea. In SARGENTINI, Vanice e NAVARRO-BARBOSA, Pedro (orgs.). *M. Foucault e os domínios da linguagem*. São Carlos: Claraluz, 2004.
- SANDER, Jardel. Corporeidades contemporâneas: do corpo imagem ao corpo devir. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 21, n. 2, mai.-ago. 2009, p. 395.
- TAKAHASHI, Jô. Dimensões do corpo contemporâneo: vetores relacionais entre o corpo e a paisagem. In GREINER, Christine; AMORIM, Claudia (orgs.). *Leituras do Corpo*. São Paulo: Annablume, 2003.
- ZANELLA, Andréa Vieira. Cidades, imagens e existências entretecidas: reflexões com a refração do encontro entre psicologia social, comunicação e arte. In BERNARDES, Jefferson; MEDRADO, Benedito (orgs.) *Psicologia social e políticas de existência: fronteiras e conflitos*. Maceió: Abrapso, 2009.